

Wenceslao Machado de Oliveira¹ Jr; Evaldo Piolli²

Livros ainda por serem escritos já estão na estante. Entramos no número 4/2017 da Revista ETD-Educação Temática Digital por dentro de uma biblioteca. A foto em branco e preto desloca-a ainda mais para o passado. Na era dos conteúdos digitais, optamos por adentrar a conversa com a educação através de um ambiente em questionamento nas escolas. Pra quê? Certamente, adultos que somos, alguma nostalgia nos chega destes ambientes onde perambulávamos tantas vezes... e ainda perambulamos, bem menos vezes... buscando o quê? Algum autor, tema ou livro específico, algum encontro ocasional, algum livro de cor amarela, alguma revista com um dado na capa, algum... E as crianças e jovens, nascidos na frente de telas, o que fariam numa biblioteca? Perderiam tempo, uma vez que é mais fácil e rápido buscar autores, temas e livros por meio de palavras-chave nos ambientes virtuais? Em que situações nossa resposta seria sim? Haveria motivos educativos para apostarmos no perambular por uma biblioteca, uma vez que tanto o ato quanto o ambiente são também possibilidades de promover bons encontros? Esta seria uma aposta em deixar mais tempos livres para que crianças e jovens descubram mundos sem já ter uma direção a seguir?

Em que escola estaríamos e estaremos se perambular por uma biblioteca, sem mesmo saber o que se procura, é perda de tempo? Em que escola estaríamos e estaremos se esse mesmo perder(-se) de/do tempo fosse uma aposta de aprendizado, de pensamento? Em que escola estaremos se...

No início deste ano a Revista publicou seu número 1/2017 tomando a escola como centro do debate promovido pelos artigos e ensaios do dossiê *(Des)ocupar é resistir?* Podemos dizer que os dois volumes que constituíram o dossiê inaugural do ano tem sua continuidade indireta no dossiê *É preciso defender a escola*, publicado agora, no último número de um ano onde a educação em geral e a escola pública em especial estiveram no centro das tensões, desassossegos e combates que enfrentamos desde as salas de aula às galerias do Congresso Nacional.

Agradecemos os organizadores por pautar novamente na ETD a escola como um lugar a ser pensado, acolhido, defendido. Um lugar de resistências.

¹ Editor científico – ETD – Educação Temática Digital

² Editor associado – ETD – Educação Temática Digital

Esse dossiê nos faz lembrar que fomos e seguimos sendo atravessados por uma rede infinita de manifestações sobre a escola de variados matizes, (des)agrupando-nos em torno de questões que visam modular – e mesmo modelar – o percurso de escolarização das crianças e jovens brasileiros: seja a Base Nacional Comum Curricular – cuja terceira versão, promulgada em sintonia com as forças do mercado, institui um gerencialismo de tipo empresarial que tende a fixar e aprofundar meios de controle e responsabilização das escolas e seus atores, além de limitar suas autonomias e poderes de criação pela indução ao apostilamento e avaliações centralizadas em nome do "direito a aprendizagem" –, seja a oposição entre famílias e escolas fomentada pela restrição ao conceito de gênero, sejam as escaramuças em torno da centralidade do ensino das culturas africanas, afro-brasileiras e dos povos indígenas ou o (ab)uso da preposição “sem” para catalisar esperanças e temores por uma educação que dificulte – porque impedir não é possível – que a diversidade do mundo configure a vida que pulsa nos milhares de corpos e ambientes escolares.

Em meio a esse burburinho que busca constranger os percursos escolarizadores a um número restrito e controlável – sob a capa falsificadora da neutralidade e da universalidade –, emergem inúmeras experiências e experimentações vividas em diferentes escolas pelo país afora. Abrem vãos por onde passam lufadas de ar fresco e delirante: infâncias e juventudes ainda por se fazer... Basta abrir qualquer revista de divulgação educativa ou periódico acadêmico da área de Ensino ou Educação – miremos os artigos de demanda contínua aqui publicados – para entrarmos em contato com uma miríade de invenções e inovações que compõem outros ritmos, conteúdos e avaliações, outras alegrias e encantamentos, outras palavras e imagens, outras conexões entre saberes, outros processos de aprendizagem e desaprendizagem, pois muitos destes novos ventos que sopram na educação brasileira e mundial – lembremos do famoso e não copiável exemplo da educação pública finlandesa – apontam para o quanto temos sido impedidos de pensar justamente devido à forte presença em “nosso mundo sensível” – para lembrar Jacques Rancière – de ideias prontas que buscam se firmar como o óbvio, o natural, o evidente. Para que isso se efetive foi e é necessário que “nosso mundo sensível” seja massivamente povoado por essas ideias prontas promovidas pelas mídias que, quase exclusivamente, veiculam modos de subjetivação vinculados ao consumo. Consumo de tudo, inclusive – e talvez sobretudo – de soluções fáceis, ideias prontas, para problemas complexos... como o da escola numa época em que as sociedades sofrem enormes transformações.

Como, então, receber os mais novos, infantes, aqueles que chegam a esse mundo – para lembrar de Hannah Arendt – para que nele exista espaço para a novidade que sempre chega com eles? A essa pergunta, os organizadores, autores e entrevistados do dossiê que ora é publicado respondem com um sonoro *É preciso defender a escola*. Não para que ela

seja como já é, mas para que, como parte do mundo existente, se abra para a novidade que sempre está a se inscrever naquilo que não é inscrito antes da chegada daqueles que irão ali habitar. Voltamos à fotografia de capa desse número: livros que não sabemos se já estão escritos, uma luz que beira à irrealidade dos filmes de ficção científica, um ambiente que parece ser preenchido total e integralmente por livros em estantes – a Biblioteca de Babel, para lembrar Jorge Luis Borges –, volumes de diversos tamanhos sem títulos ou autores em suas lombadas... infinitas páginas em branco?